

GRAMÁTICAS COSMOPOLÍTICAS: O CASO BAKAIRI

Evandro Bonfim

INTRODUÇÃO

Os Guarani-Kaiowá se preparavam para ocupar as margens de uma rodovia próxima a outra fazenda responsável pelo desalojamento dos indígenas de territórios ancestrais. A ação contava com a assistência de ONGs, acadêmicos, advogados e estava programada a cobertura pela imprensa. No entanto, na véspera do ato, os xamãs Kaiowá (*nhadernu*) foram ao local para rezar e fazer outros preparativos rituais que aquele movimento da luta indígena em Mato Grosso do Sul exigia. Para os não indígenas, a antecipação dos xamãs acabou com o fator surpresa da ocupação e não permitiu a plena atuação dos aparatos jurídico e jornalístico que tinham conseguido mobilizar. Mas do ponto de vista indígena, a verdadeira batalha se passa nos estratos xamânicos, onde acontecem as conquistas que vão possibilitar a ocorrência de outras no campo legal e na opinião pública.

Assim, a atuação política ameríndia coloca em jogo outras relações além daquelas mantidas com os antagonistas imediatos e os mecanismos institucionais disponibilizados pela sociedade não indígena para resolvê-los (imprensa, assistência jurídica). Inclui as presenças humanas e não humanas, visíveis e invisíveis que povoam o mundo indígena, além de formas relacionais próprias desta socialidade mais abrangente, como o Xamanismo. Tal ação que envolve alianças e conflitos com entes e potências de distintas categorias ontológicas tem sido chamada de “cosmopolítica” por aqueles que pesquisam os coletivos ameríndios (SZTUTMAN 2012, LIMA 2011).

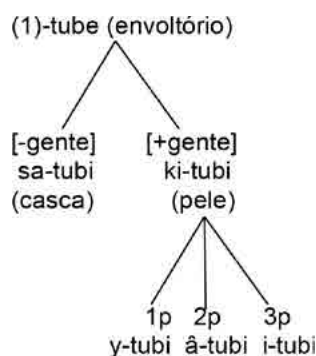
Os idiomas falados pelos povos indígenas também são atravessados pelas questões cosmopolíticas, visto que a língua também está inserida na trama das relações cosmológicas, sendo decisiva para que intercâmbios, negociações e embates espirituais envolvidos em instâncias como a arte xamânica, por exemplo, aconteçam. Para ilustrar com mais propriedade a afirmação, gostaria de considerar o caso do Bakairi, língua falada por cerca

Pesquisador do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ. E-mail: evandrobonfim@hotmail.com. Agradeço a bolsa de Pós-Doc concedida pelo CNPq e ao Setor de Linguística do Museu Nacional que possibilitaram a realização da pesquisa.

de 1.100 pessoas que vivem em duas terras indígenas, a Santana e a Bakairi, localizadas, no estado de Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil. Assim, com base em coleta de dados linguísticos em primeira mão e trabalho de campo de cunho etnográfico, o texto vai apresentar algumas das principais relações entre aspectos gramaticais e a organização ontológica do povo indígena, lançando fundamentos para a elaboração de uma Gramática Cosmopolítica do *Kura Itanro*, a língua Bakairi.

O LÉXICO SOMÁTICO BAKAIRI

As partes do corpo são um campo semântico interessante para se procurar relações entre propriedades gramaticais e os princípios de constituição da pessoa, principalmente nos povos ameríndios, entre os quais prevalece a noção de fabricação corporal contínua através de intervenções periódicas tanto humanas como não humanas (VIVEIROS DE CASTRO 1979). As partes do corpo em Bakairi, como em inúmeras línguas indígenas, são inalienáveis, i.e., são sempre possuídas. Contudo, desde Von den Steinen (1892), a obtenção das palavras acerca dos elementos corporais aponta para o prefixo de dual inclusivo *k-* ~ *ki-* como possuidor *default*. No entanto, a pessoa dual inclusiva em Bakairi, que traz *kura* como forma independente, não se restringe ao escopo pronominal, pois significa igualmente “gente”, em oposição à *anguido* (animais), além de ser a autodenominação dos Bakairi para os não-indígenas (SOUZA 1999). Os dados abaixo vão mostrar em primeiro lugar que morfemas representando determinados componentes somáticos inalienáveis só se realizam na língua quando categorizados como gente ou não gente.



O paradigma dos prefixos de posse também atribui traço [+gente] ao morfema lexical somático «envoltório», conferindo assim o sentido de “pele”, devidamente possuída. No entanto, diz respeito basicamente à oposição entre pessoas gramaticais, não operando necessariamente a oposição entre categorias de seres, visto que são marcas não relacionais. Somente o prefixo do dual inclusivo traz o sentido de mútuo reconhecimento do traço [+gente] entre duas pessoas discursivas e gramaticais, tornando possível o compartilhamento e a identificação dentro do táxon gente em oposição ao correspondente não humano, o envoltório vegetal, a casca (marcado pelo prefixo SV-, relativo à 3p [-animado])¹.

É interessante que oposições podem surgir no interior do paradigma de marca de posse revelando nuances do traço [gente] e justificando a preferência por ele em comparação com outras soluções mais usuais da análise linguística como o traço [animado]. Por exemplo, o morfema lexical somático *-mida* que corresponde ao componente corporal «cara» tem o sentido de “cara humana” (rosto) quando precedido do prefixo dual inclusivo (*ka-mida*) e tem o sentido de “cara sobrenatural” (máscara) quando o prefixo utilizado se refere a terceira pessoa singular (*i-mida*, “a cara dele”). As máscaras são plenos agentes da vida social Bakairi por se tratarem de instanciações materiais dos espíritos do *Kado* ou *iamyra*. As máscaras se alimentam e vão adquirindo corpo (cores e plumagem de buriti) antes de saírem para conviver com os Bakairi no ritual do *Iakuigâdy*². De acordo com o mito que conta a destruição dos antecessores da atual geração Bakairi, a quebra do tabu relativo à casa dos homens (*Kadoety* ou casa do Kado) por um jovem foi punida com a fixação permanente da máscara no rosto do rapaz, que ficou sem a face humana, mas com face de madeira. Assim, ambos são “gente”, mas os espíritos do Kado, com máscaras no lugar do rosto e restante do corpo humano por estarem incorporados nos homens Bakairi, recebem o traço de não-pessoa próprio das marcas de terceira pessoa (cf. BENVENISTES 1989), situando-se, portanto, no limite da categoria.

A violação da regra da reclusão na casa dos homens conduz a outro item do léxico somático importante para o esboço de Gramática Cosmopolítica

- 1 Ver, por exemplo, a oposição entre demonstrativos que atuam como pronomes de terceira pessoa para humanos, *awaka* e *maka* em relação aos demonstrativos para coisas, *xira* e *xura*. O ponto de articulação da sibilante em Bakairi está condicionado à vogal que a acompanha, se tornando palatalizadas diante de vogais altas.
- 2 De acordo com Barcelos Neto (2008), *Iakui* são as máscaras de madeira e buriti dos rituais de máscara dos Waujá, dentro do complexo xinguano do qual os Bakairi já fizeram parte. Assim, os espíritos Kado (*gâdy* no interior das palavras devido a modificações fonéticas) com as faces amadeiradas são o *Iakuigâdy*.

aqui apresentado. O ato do jovem Bakairi trouxe a ruína para todo grupo, que resolveu festejar em uma casa trancada e depois atear fogo provocando a extinção da geração. Somente um casal de crianças foi preservado. No dia seguinte à festa, eles encontram no local do incêndio um milharal, descobrindo que das espigas renasceram os Bakairi. Este mito não está registrado apenas na memória dos indígenas, mas se encontra também inscrito na língua pelada palavra para “esqueleto”:

(2) t-ânji-byre
posse generalizada-milho-ex

Como parte do corpo, o esqueleto também é inalienável. Porém, ao contrário dos exemplos “pele” e “rosto” tratados anteriormente, o vocábulo não aparece com a marca do dual inclusivo, mas sim com o prefixo de posse generalizada, presente, por exemplo, nos termos cromáticos. No lugar do morfema indicando partes do corpo encontra-se o nome milho, item lexical reconhecido pelos informantes como integrante da palavra “esqueleto”. Conforme visto na breve descrição do mito da extinção pelo fogo, os atuais Bakairi se tornaram gente a partir do milho. A metamorfose mítica está indicada pelo sufixo *-byre* que indica a mudança entre certo estado para outro como em *saguhobyre*, os que deixaram de ser os primeiros, ou seja, os velhos, dentro da sequência invertida própria do pensamento Bakairi (SOUZA 1991) que impede a identificação automática do sufixo com o tempo passado.

Mas no caso em pauta se mostra válida a interpretação da sufixação como expressando o processo de deixar de ser milho, a mudança da antiga estrutura corpórea do cereal para a do corpo Bakairi contemporâneo, proveniência que sempre será apontada pela língua enquanto o mito se mantiver relevante para o povo Bakairi. Trata-se assim de um signo com motivação semântica, expressando uma relação de iconicidade cosmológica na qual a palavra expressa propriedades do referente, o corpo mitológico, que no caso não está separado do que se considera o corpo biológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a festa chamada *ÂnjiItabienly* (batizado do milho), os Bakairi jogam grãos de milho na terra (*õrõ*) quatro vezes. “A gente joga milho nos cantos que corre o vento. O vento espalha milho sobre toda terra e do milho nasce Bakairi. Por isso, Bakairi nunca vai deixar de existir”, contam (SOUZA 1999:12). Atualmente o batizado do milho tem sido realizado com menos frequência por conta da escassez do milho próprio dos Bakairi, o milho *kura*, termo que acumula os sentidos de gente, autodenominação do povo e pessoa dual inclusiva, significados entrelaçados por fios linguísticos, históricos, mitológicos e cerimoniais que descartam a possibilidade de homonímia. Plantações de milho *kura* e os buritizais de onde se retirar as matérias-primas das máscaras se encontram fora do reduzido território Bakairi, nas fazendas dos não-indígenas (*karaiwa*). Neste ponto, a questão política da terra impede a plena realização da verdadeira existência Bakairi, expressa pelas noções de corpo e pessoa presentes nos rituais, na vida cotidiana, na alimentação, na estética e – conforme visto nos exemplos tratados aqui – em componentes da gramática. A esta cadeia de relações, vista sob o ponto de vista da língua, estamos dando o nome de Gramática Cosmopolítica.

A elaboração de uma Gramática Cosmopolítica envolve assim a tentativa de compreender a língua da forma mais sistêmica possível, buscando as relações entre os elementos linguísticos não apenas em domínios classicamente circunscritos como paradigmas pronominais, mas ampliando a investigação para redes de oposições mais amplas como as que existem entre áreas de significação que vão usar de recursos como os afixos de posse para marcar distinções de ordem ontológica que dizem respeito não apenas às pessoas gramaticais, mas a categorias de seres. A distinção entre as categorias não se deve à distribuição dos entes linguísticos e extralinguísticos conforme a hierarquia geral da escala de animacidade, mas está motivada por princípios cosmológicos que podem ser traçados a fim de que se possa explicar com maior precisão porque determinados aspectos da gramática se relacionam daquela maneira, afetando a descrição das propriedades formais, das operações gramaticais e dos processos de significação.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. “O Aparelho Formal da Enunciação”. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, Pontes, 1989.

BARCELOS NETO, Aristóteles. *Apapaatai: rituais de Máscara no Alto Xingu*. São Paulo, Edusp, 2008.

LIMA, Tânia Stolze. “Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias”. *Revista de Antropologia USP*, vol. 54, n° 2, 2011. pp. 601-646.

SOUZA, Tânia Clemente de. “Perspectivas de Análise do Discurso em uma língua indígena: o Bakairi (Carib)”. In: ORLANDI, Eni. *Discurso Indígena. A Materialidade da Língua e o Movimento da Identidade*. Campinas, Unicamp, 1991.

_____. *Discurso e Oralidade: um Estudo em Língua Indígena*. Niterói: publicações do MCII/UFF, 1999.

SZTUTMAN, Renato (2012). *O Profeta e o Principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Edusp.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A fabricação do corpo na sociedade xingua-na”. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n. 32, 1979. pp. 40-49.

VON DEN STEIN, Karl. *Die Bakairi-Sprachen*. Leipzig, 1892.